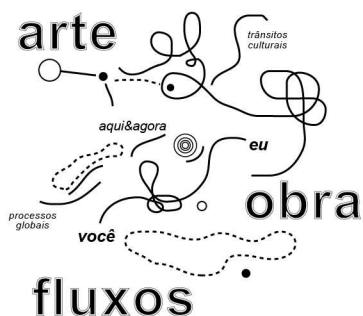




XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

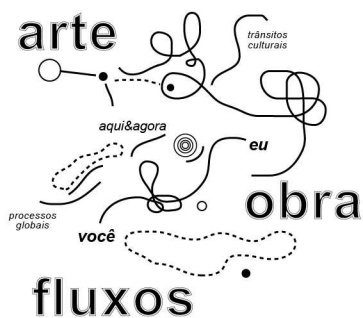
A REDE COMO SUPORTE: HÉLIO OITICICA, PAULO BRUSCKY, CILDO MEIRELES E RICARDO BASBAUM

Paula Priscila Braga

Crítica de arte independente

A partir da obra e escritos de Hélio Oiticica e do anúncio feito pelo artista carioca de uma arte “para além da participação” baseada na noção de coletivo, esse artigo investiga alguns casos de arte desenvolvida em redes de colaboração: as obras de Hélio Oiticica, Paulo Bruscky, Cildo Meireles e Ricardo Basbaum. Interessa-nos analisar a criação coletiva desses artistas dentro do contexto teórico de construção de conhecimento em rede como teorizada por Deleuze (o rizoma) e mais recentemente por Antonio Negri (a multidão), enfatizando os aspectos políticos da criação descentralizada.

Depois de experiências como o Parangolé Coletivo e Apocalipopótese, Hélio Oiticica passou a dedicar-se cada vez mais ao “além da arte”, contestando a figura do artista como autor único e genial em favor do estabelecimento de uma rede de inventores tecendo o campo da arte, expandindo a definição de arte para abarcar o comportamento cotidiano de cada um. Paulo Bruscky, pioneiro da Mail Art no Brasil, driblou o circuito convencional de exposições durante as décadas de 70 e 80, utilizando a rede de correios e o outdoor para a circulação de seus trabalhos. Cildo Meireles envolveu o participante anônimo em obras da série “Inserções em Circuitos Ideológicos”, que só se realizavam com a cumplicidade de uma rede que mantinha as obras em circulação. Na arte contemporânea, Ricardo Basbaum vem



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

trabalhando o conceito da produção coletiva utilizando a rede Internet em projetos como o NBP (Novas Bases para Personalidade).

Antonio Negri e Michael Hardt ao desenvolverem o conceito “multidão” aproximam-se da preocupação dos artistas aqui mencionados em criar um coletivo baseado em individualidades – a “multidão multicolorida” – e elegem a Internet como exemplo desse tipo de coletivo, que não tem fronteiras e torna-se sempre mais complexa com o aparecimento de novos pontos nodais e relações entre os nós da rede.

Investigamos como a arte de Ricardo Basbaum e o uso que faz da rede Internet pode ser considerada uma consequência das manifestações de criação coletiva dos anos 1960 e 1970, de Oiticica, Bruscky e Meireles que, com outras tecnologias, tais como o correio, podem ser considerados células da construção de conhecimento em rede que caracteriza a estrutura epistemológica do início do século XXI, de criação descentralizada.

Rede, coletivo, multidão